

## “Não é normal eu não amar meu filho”: os significados de maternidade presentes em um programa de televisão

*"No es normal que no aman a mi hijo": significados de maternidad presente en un programa de televisión*

Jéssica Lauxen<sup>1</sup>

### Resumo

Neste trabalho buscamos problematizar a visão tradicional da maternidade como sendo algo natural e inato, presente em todas as mulheres. Aqui consideramos a maternidade como uma construção social, esta feita através de discursos, imagens, entre outros, que atuam na fabricação de subjetividades. A partir deste entendimento, analisamos os significados de maternidades veiculados por um programa de televisão brasileira, o Profissão Repórter, e também analisamos os discursos anunciados por este programa sobre a depressão pós-parto. A análise aqui feita parte do pressuposto de que não existem identidades naturais, portanto a identidade materna foi criada de acordo com significados históricos e culturais, que reúnem conhecimentos, costumes e valores que foram constituindo o que é ser mãe na contemporaneidade. Se faz necessário desnaturalizar tais questões, principalmente o que se é veiculado pela mídia, já que esta possui grande poder pedagógico e um forte estatuto de verdade.

*Palavras-Chave:* maternidade; mídia; identidade.

### Resumen

En este trabajo se discute la visión tradicional de la maternidad como algo natural e innata, presente en todas las mujeres. Aquí consideramos la maternidad como una construcción social, esto hizo a través de discursos, imágenes y otras personas que trabajan en la fabricación de subjetividades. A partir de este conocimiento, se analizan los significados de las maternidades atendidas por un programa de televisión brasileño, Profesión reportero, y también analizamos los discursos anunciadas para este programa sobre la depresión posparto. El análisis realizado aquí asume que no existen identidades naturales, por lo que la identidad de la madre fue creado de acuerdo a los significados históricos y culturales que reúnen los conocimientos, las costumbres y los valores que se estaban formando lo que es ser madre hoy en día. Es necesario deconstruir estas cuestiones, sobre todo lo que se transmite por los medios de comunicación, ya que tiene un gran poder pedagógico y un estatus muy fuerte.

*Palabras claves:* maternidade; medios de comunicación; identidad.

## 1. Contextualização

No dia três de agosto de 2016, um programa da Rede Globo, que possui exibição semanal com duração média de 30 minutos, apresenta o tema a ser discutido: depressão pós-

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande, (FURG); [jessica.lauxen@hotmail.com](mailto:jessica.lauxen@hotmail.com)

parto. Assim, o Profissão Repórter começa apresentando suas entrevistadas, através de trechos de seus depoimentos, e o jornalista anuncia: “*estes são depoimentos de quem sofre de depressão pós-parto. No profissão repórter de hoje, você vai ver a história dessas mulheres, e saber como os médicos podem ajudá-las.*” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

Aqui, já sabemos qual o objetivo do programa, escutar depoimentos de mulheres que sofrem com a depressão pós-parto, para que assim os médicos possam ajudá-las, pois trata-se de mulheres doentes que esperam e precisam da ajuda de profissionais qualificados. Depois de apresentada a temática para os telespectadores, o jornalista anuncia o segundo ponto do programa, que é escutar outro grupo de mães: “*e as mães que defendem a maternidade sem romantismo na internet e são criticadas por isso.*” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

A segunda abordagem do programa é referente a uma postagem realizada no *facebook* sobre o desafio da maternidade. Este desafio chegou ao Brasil em fevereiro deste ano e causou muita polêmica. A proposta é a internauta postar fotos que mostrem porque ela é feliz sendo mãe, utilizar a *hashtag*<sup>2</sup> desafio da maternidade e indicar mais três pessoas para fazer o mesmo. A polêmica surgiu quando uma internauta, Juliana Reis, resolveu mudar o desafio para maternidade real, onde pretendia mostrar o que diz ninguém ter lhe contado, as dificuldades em ser mãe.

O Profissão Repórter é um programa semanal da maior emissora brasileira de televisão e que está no ar há dez anos, apresentando uma significativa audiência. Ele vai ao ar por volta das 23h30min, e a cada semana aborda um tema diferente para fazer as reportagens. Investigamos um programa televisivo por acreditarmos que a televisão participa decisivamente na formação dos sujeitos, ensinando modos de ser e estar no mundo. Como coloca a autora Magaldi

Dado que a televisão nos alcança em todo o tempo e em toda parte, dado que nenhuma faixa etária, nenhum campo de atuação, nenhuma classe de renda fica imune a ela, dado que a maior parte da população brasileira não tem acesso regular a outras fontes de informação, além do rádio e da TV, não sei que outra realidade contemporânea mereceria, mais do que essa, um tratamento de prioridade educacional. (MAGALDI, 2013, p.103)

A depressão pós-parto acomete mais de 25% das mães no Brasil, segundo dados de uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, dados divulgados pelo próprio Profissão Repórter. A Organização Mundial da Saúde - OMS - define depressão como

---

<sup>2</sup> *Hashtags* são utilizadas com a palavra-chave do assunto que se deseja que vire um *hiperlink* nas redes sociais, fazendo assim com que outros usuários as utilizem como ferramenta de busca.

um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza, baixa autoestima, entre outros sintomas. (FIOCRUZ, 2016)

A mídia diversas vezes nos ensina o que é saúde e o que é doença, nos ensina como sermos sujeitos saudáveis e produtivos, e também quais as maneiras que podemos lidar com as doenças. Muitos são os programas que abordam diariamente tal assunto, dando dicas de cuidados, de beleza e bem-estar, e sempre com uma linguagem de fácil entendimento, para que o acesso à informação seja para todos.

É neste controle da vida que entra o conceito foucaultiano de biopoder, como uma estratégia de governar uma população. De acordo com Neto *et al* (2009), o biopoder desenvolve-se referente a uma disciplina anátomo-política dos corpos individuais e marcado por uma regulação biopolítica da população, como natalidade, saúde, entre outros. Assim, o programa analisado exerce um biopoder sobre seus telespectadores, principalmente sobre as mulheres mães.

Fischer (2001) justifica que tudo indica que há uma predominância da mulher como protagonista de diferenciadas formas de confissão na TV, pois estão mais presentes como sujeitos falantes e “confessantes”, e igualmente presentes como sujeitos a serem formados e educados, necessitados de normas e procedimentos para permanentemente “cuidarem de si.”

## 2. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar os significados de maternidade presentes no programa Profissão Repórter, bem como os discursos relacionados à depressão pós-parto.

## 3. Metodologia

A metodologia é baseada na proposta de roteiro para análise de produtos televisivos da autora Fischer (2013). O roteiro consiste em uma proposta para análise de produtos midiáticos, sendo composto por seis perguntas que norteiam a análise, as quais não precisam ser utilizadas na íntegra e nem apenas como a autora propõe, sendo o roteiro aberto a novas possibilidades. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, aqui serão apresentadas as respostas das duas primeiras perguntas propostas do roteiro.

A autora propõe o roteiro para análise de materiais de cinema, TV e vídeo, bem como outros materiais, como revistas e jornais, desde que haja as adaptações necessárias para isso. Fischer (2013) pretende com este roteiro mostrar as diversas possibilidades de estudo da TV,

ampliando assim a compreensão de currículo escolar e agregando a ele os aspectos da cultura na prática pedagógica, como os saberes tratados e veiculados pela televisão. Analisamos também as falas das entrevistadas, fazendo recortes em suas conversas com os jornalistas.

#### 4. Resultados

A primeira pergunta do roteiro é: Que tipo de programa é esse? Trata-se de um programa jornalístico, o qual realiza reportagens com entrevistas. Portanto, é um programa da área de telejornalismo, o qual produz reportagens especiais semanalmente, mas que também não deixa de ser um programa de entrevistas.

Como Fischer mesmo coloca, está cada vez mais difícil estabelecer distinções entre gêneros televisivos, preocupando-nos, assim, em pensar em duas grandes modalidades de programação: programas de informação e programas de ficção, com o nosso programa escolhido ficando na primeira categoria.

Aqui se faz necessário evidenciar que não estamos falando de um programa qualquer, trata-se de um programa veiculado pela maior emissora brasileira, cuja apresentação é feita por um jornalista de renome. Fischer também chama atenção para o fato de a TV fixar determinadas “verdades”, determinados conceitos universais, acentuando ainda mais a importância de problematizarmos as imagens veiculadas pela TV.

A segunda pergunta sugere uma análise mais ampla, e é feita da seguinte forma: Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça”?

O objetivo deste artefato, falando especificamente do episódio do programa selecionado para análise, é falar sobre depressão pós-parto para que, segundo o jornalista do programa, se escute mulheres que sofrem com esta doença e saber como os médicos podem ajudá-las. Também, em um segundo momento o programa aborda as mulheres que defendem a maternidade sem romantismo.

Sua principal estratégia de veiculação é a entrevista, o depoimento de pessoas reais, as quais os telespectadores tenham proximidade e se reconheçam nelas. Quanto ao endereçamento, o programa se direciona para as mães, mostrando casos reais de depressão pós-parto, e mostrando para elas o tratamento possível.

Ellsworth (2001), resume os modos de endereçamento na seguinte pergunta: quem este filme pensa que você é? Tal pergunta pode e deve ser feita para programas televisivos, pois todos os produtos midiáticos são produzidos para alguém. A autora coloca:

É aqui que entram as relações de poder e a mudança social. O modo de endereçamento não é um conceito neutro na análise cinematográfica. Trata-se de um conceito que tem origem numa abordagem de estudos do cinema que está interessada em analisar como o processo de fazer um filme e o processo de ver um filme se tornam envolvidos na dinâmica social mais ampla e em relações de poder.” (ELLSWORTH, 2001, p. 24)

As entrevistadas do programa foram escolhidas a partir de um grupo em uma rede social sobre a doença. A repórter fez uma publicação dizendo que faria uma matéria sobre o tema e que gostaria de depoimentos de mães que estivessem passando por isso, então as mães se candidatavam a participar do programa.

O programa teve três mães entrevistadas a partir deste grupo, que foram filmadas em suas casas, onde contaram sobre a situação que estavam enfrentando. Aqui será destacado o que de principal cada mãe relatou à repórter.

Clarice, 21 anos, desempregada, mãe solteira: *“Eu cheguei a um ponto em que eu pensei, to precisando de ajuda, por que não é normal eu não amar minha filha.” “O engraçado é que eu sempre amei criança, sempre tive paciência, e com a minha eu não tenho.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

Silvana, publicitária, casada: *“Eu tive o parto e eu não sentia que ele era meu, eu não tinha nenhuma ligação com ele. A única coisa que eu pensava era, eu sempre gostei de criança, eu sempre gostei das meninas das minhas vizinhas, das crianças na igreja, e eu olhava pro meu filho e eu não conseguia gostar.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

Denise, desempregada, separada. Ela atribui o início de sua depressão ao momento do parto, o qual precisou ser cesárea: *“Normal, eu desejava ser normal. Aí ficava, meu Deus, por que, por que isso? Por que eu vim no mundo pra sofrer? Eu falei pro senhor [referindo-se ao médico] que eu não queria entrar numa cesárea. Eu falei que isso ia mexer comigo e tal.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

Quanto à segunda parte do programa, que pretendia mostrar as mães que defendiam uma maternidade sem romantismos, o programa foi até a casa de duas mães, que são elas:

Juliana, autora do desafio da maternidade real, conversa com o pediatra de seu filho e pede o que pode dar para substituir o leite materno, ela e o médico conversam: *“Dá o peito, enquanto você tiver o leite, vamos dando leite.”* Juliana coloca: *“Mas eu não quero mais, Doutor.”* Médico: *“Não vamos introduzir o leite agora não. Deixa ele sacramentar. O leite materno é muito importante. O ideal é por mais tempo, mas pelo menos até 1 ano.”* Juliana: *“Eu realmente preciso dormir, doutor, ele mama de hora em hora de madrugada.”* Médico:



*“Mas são fases da criança. Ele não precisa mamar de hora em hora.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

Thaiz, 26 anos, ilustradora, dona da página mãe solo, mãe solteira, fala sobre a criação da página: *“Pra combater a imagem que criaram pra mim da maternidade como sendo algo perfeito, incrível, controlável.”* *“O problema é quando a gente só exalta esses pontos positivos e esquece de mencionar os pontos que vão ser os verdadeiros conflitos que a gente vai viver.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

O repórter acaba conhecendo outras mães na creche do filho de Thaiz, e a fala de uma delas é de destaque para a análise que aqui se pretende. Segue: *“essa coisa da maternidade romantizada é fruto de uma sociedade machista que fica usando isso pra justamente sobrecarregar a mulher, e quando ela reclama dessa sobrecarga, coloca ela como depressiva ou como uma mãe que não ama.”* (PROFISSÃO REPÓRTER, 2016)

A análise aqui feita do programa considera que *“não existem identidades naturais, mas discursos normativos sobre as expectativas de performances de maternidade.”* (SELL, 2012, p. 155). A autora afirma ser necessário olhar para os discursos que contribuíram para a naturalização e a homogeneização da maternidade, pois eles constroem socialmente as identidades maternas.

Isto fica claro no momento em que uma das mães diz: *“não é normal eu não amar minha filha.”* Argumento que também é encontrado no depoimento de Silvana, quando ela relata não entender como não gostava de seu filho, já que sempre gostou de crianças. A preocupação destas mães em não amarem seus filhos está baseada em algo imposto pela sociedade, o amor materno como instintivo, como algo que faz parte de toda mulher desde sempre. Badinter coloca que

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (BADINTER, 1985, p. 22)

Na fala de Denise e da Juliana, os elementos destacados referem-se ao corpo da mulher. Primeiramente a respeito do parto, o qual muitas vezes não é decidido pela mulher, ou a gestante é extremamente cobrada a respeito do momento da chegada de seu filho, gerando ansiedade e cobrança. Na consulta da Juliana com o pediatra, fica em destaque a

questão da amamentação, assunto o qual gera muita polêmica, e que, mais uma vez, vemos o quanto à mulher muitas vezes não pode decidir sozinha tais questões.

Cadoná e Strey (2014), realizaram uma pesquisa sobre os materiais da Campanha da Amamentação. Os materiais analisados são *folders* da Sociedade Brasileira de Pediatria dos anos 1999, 2002, 2003, 2005 e 2008. Fazendo uso dos conceitos de discurso e de enunciado de Michel Foucault, percebe-se na pesquisa que a mãe é sempre posicionada como principal responsável pela saúde de seus filhos, cabendo a ela o dever de nutri-los, e a figura do médico ganha destaque como conhecedor das práticas de amamentação, cabendo à mãe aderir aos seus ensinamentos.

Na fala de Juliana percebe-se uma linha de fuga, já que ela não quer aderir ao que o médico manda fazer. Assim, “as pessoas se sujeitam a determinados discursos quando passam a tomar aquilo que lhes é dito, que lhes é veiculado, enquanto única verdade. As linhas de fuga, nesse caso, são consideradas enquanto maneiras de elas escaparem dessas verdades postas no discurso.” (CADONÁ; STREY, 2014, p. 481).

## 5. Conclusões

Neste trabalho, consideramos a maternidade como uma construção social, buscando romper com a crença do instinto materno como algo natural e inato, presente em todas as mulheres. Procurou-se evidenciar, também, quais os discursos midiáticos a respeito do assunto se fazem presentes no Profissão Repórter, o qual gera muita polêmica.

A maternidade muitas vezes está ligada a algo sagrado, sendo considerada como uma vocação da mulher, um verdadeiro dom sagrado. E é a partir de perspectivas assim que as mulheres que não se enquadram na prática de uma maternagem adequada e esperada são nomeadas como depressivas, e até mesmo anormais.

Por isso há tanta crítica quando mães defendem questões que não estamos acostumados a ver, como por exemplo, quando Juliana alega em seu relato “*eu amo meu filho, mas estou detestando ser mãe.*” Ao publicar isso em sua linha do tempo no seu perfil pessoal do *facebook*, o mesmo foi deletado pela empresa.

Faz-se necessário questionarmos as tradicionais imposições culturais a respeito da maternidade, desnaturalizando-a, juntamente com os cuidados maternos que são aceitos e os que são criticados em nossa sociedade.

## Referências

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268p.

CADONÁ, E.; STREY, M. N. A produção da maternidade nos discursos de incentivo à amamentação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 477 – 499, 2014.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO. **Profissão Repórter**. São Paulo, Rede Globo, 03 de agosto de 2016. PROGRAMA DE TV. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/5210572/>> Acesso em: 10 de agosto de 2016.

ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07 – 76.

FIOCRUZ, Desteque. Disponível em: <<http://www.canal.fiocruz.br/destaque/index.php?id=722>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*. [online]. 2001, vol. 9, no. 2, p. 586-599. Texto disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>. Último acesso: 20/05/2016

FISCHER, R. M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 160p.

MAGALDI, S. A TV como objeto de estudo na educação: ideias e práticas. In: FISCHER, R. M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 101 – 128.

NETO, J. L. F.; KIND, L.; BARROS, J. S.; AZEVEDO, N. S.; ABRANTES, T. M. Apontamentos sobre Promoção da Saúde e Biopoder. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 456 – 466, 2009.

SELL, M. “Minha mãe ficou amarga”: expectativas de performances de maternidade negociadas na fala-em-interação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 153 – 172, 2012.